

Práticas artísticas e musicais com crianças e jovens com deficiência: possibilidades e desafios

Musical and artistic practices with disabled children and young people:
possibilities and challenges

Prácticas artísticas y musicales con niños y jóvenes con deficiencia:
las posibilidades y los desafíos

* Denise Andrade de Freitas Martins

Professora doutora pela Universidade do Estado de Minas Gerais, Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil.
deniseafmartins@outlook.com

** Pâmela Silva Rocha

Graduanda na Universidade do Estado de Minas Gerais, Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil.
pamela_silvar@hotmail.com

*** Flávia Delago Fabrício

Graduanda na Universidade do Estado de Minas Gerais, Ituiutaba, Minas Gerais, Brasil.
flaviafabriciod@hotmail.com

Recebido em 17 de maio de 2018

Aprovado em 16 de outubro de 2018

RESUMO

Neste artigo buscamos compartilhar os resultados obtidos em uma pesquisa realizada junto à comunidade de um projeto de extensão desenvolvido na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Ituiutaba (APAE), cujo objetivo foi tentar compreender de que forma crianças e jovens com deficiência se envolvem em práticas artísticas e musicais e quais são os processos educativos decorrentes dessas práticas. O processo de construção da pesquisa constou de dois momentos: metodologia de intervenção e metodologia de pesquisa, tendo como referência os princípios pedagógicos de Paulo Freire. O referencial teórico se sustentou principalmente nos conceitos de práticas sociais e interculturalidade. De natureza qualitativa e inspiração fenomenológica, o principal instrumento de coleta de dados foram os diários de campo, além de fotos, filmagens, desenhos, textos escritos e entrevistas, com posterior análise (ideográfica e nomotética). Foram identificadas três categorias: A) *Querer fazer*; B) *Saber fazer*; C) *Pensar o outro*. A construção de performance em práticas artísticas e musicais com crianças e jovens com deficiência mostrou a força potente de tais práticas, tendo em vista os processos educativos delas decorrentes. Como protagonistas, foi possível contar e recontar história, memorizar falas, aprender canções, percutir objetos sonoros, interagir com as pessoas e instituições envolvidas (APAE, creche, escola de música e universidade), aprender novos conteúdos, metodologias e modos de expressão. Práticas como essas podem contribuir com o

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686Xx32655>

processo de formação de pessoas com deficiência; garantir o exercício de direitos; suscitar reflexões e se constituir como parte integrante do processo de formação (pessoal e profissional) em Educação Especial.

Palavras-chave: Práticas sociais e processos educativos; Práticas artísticas e musicais; Crianças e jovens com deficiência.

ABSTRACT

This paper aims at sharing the outcomes obtained from research carried out with the community of an extension project developed in the Parents and Friends of Disabled Children Association of Ituiutaba (APAE), whose goal was to try to understand the way disabled children and young people engage in musical and artistic practices and which are the educational processes derived from such practices. The research building process held two moments: intervention methodology and research methodology; having the pedagogical principles of Paulo Freire as a reference. The theoretical reference mainly sustained itself on the social practice and intercultural concepts. Of a qualitative nature and phenomenological inspiration, the main data collection tool were the field journals, besides photographs, filming footages, drawings, written texts and interviews, which were all later analyzed (ideographically and nomothetically). Three categories were identified: A) *Want to do*; B) *Know how to do*; C) *Consider others*. The performance construction in musical and artistic practices with disabled children and young people showed their latent power in light of the educational processes derived from them. As protagonists, it was possible to tell and retell stories, memorize lines, learn songs, percuss sonorous objects, Interact with the people and institutions involved (APAE, day care, music school and university), learn new contents, methodologies and ways to express oneself. Such practices may contribute to the formation process of disabled people; ensure the exercise of their rights; raise reflection and constitute themselves as integrating parts of the formation process (personally and professionally) in Special Education.

Keywords: Social practices and educational processes; Musical and artistic practices; Disabled children and young people.

RESUMEN

En este artículo buscamos compartir los resultados obtenidos en una investigación realizada junto a la comunidad de un proyecto de extensión desarrollada en la Asociación de Padres y Amigos de los excepcionales de Ituiutaba (APAE), cuyo objetivo era intentar comprender las formas que los niños y jóvenes con deficiencia envuelven en las prácticas artísticas y musicales y cuáles son los procesos educativos resultantes de esas actividades. El proceso de construcción de la investigación tuvo dos momentos: la metodología de intervención y la metodología de investigación, donde fue usado como referencia los principios pedagógicos de Paulo Freire para estudios. El referencial teórico fue sostenido con énfasis en los conceptos de las prácticas sociales y de interculturalidad. De naturaleza cualitativa e inspiración fenomenológica, el principal instrumento para la recopilación de datos fueron los diarios de campo, además de las fotografías, grabaciones, dibujos, textos escritos y encuestas, con siguiente análisis (ideográfica y nomotética). Fueron vistos tres

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686Xx32655>

categorías: A) Querer hacer; B) Saber hacer; C) Pensar en el otro. La construcción del rendimiento en las prácticas artísticas y musicales junto a los niños y jóvenes con deficiencia mostró la fuerza potente de tales hechos, con vista a los procedimientos educativos que de ellos derivaron. Como protagonistas, fue posible contar y recontar historias, memorizar los discursos, aprender canciones, percutir objetos sonoros, relacionar con las personas y las instituciones involucradas (la APAE, la guardería, la escuela de música y la universidad), para aprender nuevos contenidos, metodologías y modos de expresión. Prácticas de ese modelo pueden aportar con el proceso de formación de personas con deficiencia; garantizar el ejercicio de derechos; levantar reflexiones y constituir como parte integrante del proceso de formación (personal y profesional) en la Educación Especial.

Palabras clave: Prácticas sociables y procesos educativos; Prácticas artísticas y musicales; niños y jóvenes con deficiencia.

Introdução

A pesquisa de que trata este artigo é fruto de uma proposta de ação educativa, criada em 2009 como projeto de extensão, intitulada Música na APAE, que visava uma integração de ações entre a Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba, o Conservatório Estadual de Música “Dr. José Zóccoli de Andrade” e a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Ituiutaba (APAE), por meio de atividades em arte, educação e cultura, onde a APAE recebia alunos(as) e professores(as) da UEMG e do Conservatório – instrumentistas, cantores e pessoas com habilidades artísticas –, em visitas mediadas e audições, com periodicidade mensal.

De acordo com nossas experiências e conhecimentos, e em particular com o aprofundamento de estudos em Paulo Freire (2005, 1967), principalmente em seus princípios da pedagogia dialógica, sentimos a necessidade de ampliar/modificar nossa atuação junto à APAE. Ou seja, era preciso construir com a APAE ao invés de simplesmente oferecer atividades artísticas e musicais, cujos protagonistas eram os/a professores/as e estudantes da escola de música, em geral bons instrumentistas e cantores, além de contadores/as de histórias.

Dessa forma, nos propusemos a realizar uma ação em forma de pesquisa, da qual constariam dois momentos: metodologia de intervenção e metodologia de pesquisa, envolvendo processos de criação em música, teatro e literatura. Uma forma de pesquisa extremamente difícil e trabalhosa, um verdadeiro desafio, tendo em vista que seu processo e resultados eram inimagináveis, e ainda por se tratar de uma intervenção junto a

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686Xx32655>

estudantes (crianças e jovens) com diferentes deficiências cognitivas, uma realidade muito diferente da qual estávamos habituadas, enquanto professora e estudantes universitárias.

Enfim, desafiamos a nós mesmas como educadoras e pesquisadoras. E, nesse artigo, buscamos compartilhar os resultados obtidos nessa pesquisa, de natureza qualitativa e inspiração fenomenológica, cuja comunidade se constituiu de professoras e estudantes da UEMG, da escola de música e da APAE, sendo que os/as estudantes dessa instituição de Educação Especial eram regularmente matriculados no quarto ano do Ensino Fundamental, Fase II - ciclo da Escolarização Inicial para estudantes em idade entre sete a quatorze anos de idade intelectual e múltipla. Ao todo foram oito estudantes, sendo seis homens (deficiências intelectual e múltipla) e duas mulheres (Síndrome de Down). Portanto, a comunidade pesquisada é constituída de pessoas com e sem deficiência, de diferentes funções, idades e instituições de ensino, configurando-se em uma prática social intercultural, com foco na convivência da diferença.

Há de se considerar que nessa pesquisa os(as) participantes foram todos/as colaboradores, os quais, com suas diferentes culturas e vivências estabeleceram e permitiram no ato da troca, compartilhar experiências e saberes, o que em muito enriqueceu as aprendizagens da comunidade participante e até mesmo de quem à distância observou e participou do processo, nesse caso o público. Quando se trata de trabalhos em comunidade, em equipe, cabem as compreensões de Candau (2008), de que práticas sociais baseadas na interculturalidade são permeadas de conflitos e negociações (culturais e sociais). Trata-se de lugares onde não se promove uma educação de mão única, de transmissão de um conhecimento acabado, imutável e formal; ao contrário, trabalhos como esses dão lugar a uma multiplicidade de conhecimentos em permanente construção, mutáveis e dinâmicos pela própria diversidade cultural de seus sujeitos.

Castiano (2000), historiador moçambicano, assevera que os conhecimentos devem resultar dos atos de troca entre as pessoas, em diálogo circular, já que a intersubjetivação e a criação de espaços para sua realização são fatores fundamentais para o acontecimento da interculturalidade, cuja base se funda nas trocas e aprendizados advindos de diálogos abertos, críticos e autocríticos e de respeito ao outro e sua cultura. Desse modo, podemos considerar que essa pesquisa se configura em um verdadeiro caldeirão cultural, social e musical, marcado de forte entrega e envolvimento de seus participantes no processo de construção-reconstrução de performance, numa ação conjunta e colaborativa, de onde

emergiram descobertas e novas aprendizagens, além de dar maior visibilidade aos atores, pessoas protagonistas no processo.

A comunidade de que trata essa pesquisa, crianças e jovens com deficiência, é da APAE de Ituiutaba (s/d), instituição criada em 13 de setembro de 1971 pela Lei nº 1.459, integrante da Federação Nacional das APAES, a qual é mantenedora da Escola Especial “Bem me quer”, autorizada a funcionar no ano de 1979. As atividades oferecidas são: fisioterapia e estimulação sensória motora; inclusão no esporte e cuidados com a saúde; zelo com as famílias dos deficientes, em especial as mães; e atividades de jogos e brincadeiras. Em seu atendimento incluem-se pessoas com deficiência intelectual, transtornos globais do desenvolvimento (TGD), deficiência física neuromotora, associada às múltiplas deficiências. Os níveis de atendimento são Educação Infantil (Fase I) e Ensino Fundamental (Fases II e III), sendo esse assim organizado: Fase II - ciclo da Escolarização Inicial para estudantes em idade entre sete a quatorze anos de idade; Fase III - ciclo de Escolarização e Profissionalização, com oferta dos Programas de Escolarização de Jovens e Adultos e Programas Pedagógicos Específicos, em modo interdisciplinar com a área de Formação Profissional.

A escolha da temática, fundamentação teórica e metodologias dessa pesquisa devem-se principalmente aos seguintes fatores: ao incômodo das pesquisadoras em relação à escolha e à decisão do repertório em aulas de arte e música serem de responsabilidade geralmente apenas de professores/as; à ideia de que o fazer artístico e musical é direito de todos/as e não apenas daqueles considerados virtuosos ou que podem pagar por aulas particulares ou que tenham acesso às escolas públicas de arte e música; ao isolamento, e, por conseguinte, reduzido acesso de pessoas com deficiências às atividades artísticas e musicais, tendo em vista as dificuldades de deslocamento e realização; à noção de que pessoas (crianças e jovens) com deficiência devam ser protagonistas nos processos dos quais participam. Acreditamos que processos de criação e expressão são forças potentes na promoção de novas aprendizagens e interação social, quando possibilitam o estabelecimento de contato direto com pessoas e o meio artístico, com o saber fazer musical, cênico, plástico. Por isso **fazer com** e não **fazer para**.

Por isso nossas inquietações e questionamentos: Quais são as implicações da realização de práticas artísticas e musicais no processo de aprendizagem e desenvolvimento de pessoas com deficiências? A realização dessas práticas potencializam processos educativos? De que forma pessoas com deficiência se envolvem na realização

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686Xx32655>

dessas práticas? Existe aprendizagem musical com pessoas deficientes? Qual a dimensão dessas aprendizagens? Enfim, nossa questão de pesquisa foi: De que forma crianças e jovens com deficiência se envolvem na realização de práticas artísticas e musicais e quais são os processos educativos decorrentes da realização dessas práticas?

Assim, o objetivo desse estudo foi tentar compreender de que forma crianças e jovens com deficiência se envolvem na realização de práticas artísticas e musicais e quais são os processos educativos decorrentes da realização dessas práticas, realizadas junto à comunidade participante de um projeto de extensão na cidade de Ituiutaba, Minas Gerais. Ainda, compreender como os processos educativos desencadeados no contexto de uma prática artística e musical em escola de Educação Especial podem nos auxiliar a pensar práticas educativas na escola; documentar essa prática social, situando-a no âmbito das ações de implementação da Lei Federal n.º 11.769/2008 que dá obrigatoriedade ao ensino de Artes nas escolas brasileiras, apontando as dificuldades e caminhos encontrados para sua realização; efetuar o registro sistematizado dos procedimentos realizados na intervenção podendo servir como colaboração à práxis pedagógica em situações similares; desenvolver como metodologia aplicada na educação artística e musical uma prática educativa dialógica a partir do método de alfabetização de Paulo Freire; suscitar reflexões sobre a realização de práticas artísticas e musicais na Educação Especial, com vistas ao processo de formação e exercício de direito; identificar os processos psicossociais e significados atribuídos pelas pessoas participantes na realização dessas práticas; contribuir com o processo de formação pessoal e profissional de estudantes de graduação, envolvendo as áreas de Educação, Música e Psicologia.

Práticas sociais: uma compreensão

O grupo do qual participaram as pessoas colaboradoras nessa pesquisa é compreendido como sendo uma prática social, justamente em razão da participação ser espontânea e voluntária, onde cada um participou de seu modo, com base no desejo e nas habilidades pessoais e vontade de aprender. Participando cada qual à sua maneira, sem perder de vista os propósitos comuns do grupo, as atividades se basearam no fazer com e não fazer para. Por isso o termo práticas sociais, tomado de empréstimo de um grupo de pesquisadores/as da Universidade Federal de São Carlos, do qual também participamos como professora pesquisadora.

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686Xx32655>

Para Oliveira *et al.* (2014), práticas sociais “[...] se constroem em relações que se estabelecem entre pessoas, pessoas e comunidades nas quais se inserem, pessoas e grupos, grupos entre si, grupos e sociedade mais ampla” (p. 33). As pessoas se agrupam entre si por diferentes razões, dentre objetivos comuns, necessidade de afirmações e constituição identitárias, sejam de natureza política, social, econômica, cultural, educativa, ambiental, recreativa, religiosa. O ato de se agrupar entre pessoas, traz afinidades de características, propósitos, conhecimentos, memórias, histórias, afetos, mas também conflitos e tensões, amistosidades e animosidades, gentilezas e desafetos. As pessoas deslocam-se num movimento de ir e vir, de acordo com seus propósitos e finalidades. Não há tempo predeterminado ou fixado para a permanência das pessoas. Práticas sociais podem criar raízes ou desenraizar, e até mesmo criar novas e outras raízes. De forma que não há regras que as definam, sua existência se justifica pelas vontades humanas que as realizam.

Para Larrosa-Bondia (2002), “[...] a experiência [é] a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, [...] requer um gesto de interrupção” (p. 24). Pensada como território de passagem, lugar de chegada ou espaço do acontecer, “[...] o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura”, (p. 24). Essa passividade é feita de paixão, cuja receptividade é anterior, porque a disponibilidade é fundamental e a abertura, essencial. Esse sujeito é então ex-posto. Mas, participar de uma prática social também não é garantia de ex-posição. Quem se ex-põe é porque se envolveu e por isso foi capaz de participar da experiência, por isso é incapaz de experiência quem não se ex-põe. Ex-por é entregar-se àquilo que nos toca, de onde nos sentimos impulsionados a buscar, empreender e tentar realizar. Mas realizar e realizar-se não são um ato solitário; ao contrário, só nos realizamos na coletividade, sendo uns com os outros (FREIRE, 2005).

A convivência não é pura escolha e decisão, mas condição básica para compartilhar compreensões. Com-vivendo é deixar-se penetrar, é estar próximo a algo/alguém, situação que requer entrega, respeito, prontidão, método, rigor, e necessariamente os encontros-desencontros. O espírito de cooperação, co-laboração em Freire (2005, p.156), é a característica de toda ação onde predomina o diálogo entre as pessoas, as quais se encontram para a “[...] ‘pronúncia’ do mundo, [...] uma condição fundamental para a sua real humanização”. Para o autor (2005), a convivência humanizadora e transformadora é aquela que lida com as individualidades, as quais devem ser reconhecidas nas liberdades

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686Xx32655>

assumidas de cada um/a das pessoas em meio à coletividade. Aquele que souber bem conviver, conviver verdadeiramente com essas liberdades em comunhão, é pessoa de autoridade, capaz de agir e poder transformar o mundo.

Para Kater (2004), no campo da educação, enquanto fundamentos de proposição, ação e reflexão, atividades em arte, música e cultura são produtos da construção humana, “[...] cuja conjugação pode resultar uma ferramenta original de formação, capaz de promover tanto processos de conhecimento como de autoconhecimento” (p. 44). Entretanto, o elemento formador dessas atividades é subaproveitado, quando não nos ocupamos das funções de socialização, integração e produção artesanal e artística da forma satisfatória que essas mesmas práticas podem oferecer e comportar.

Interculturalidade

Para Castiano (2000), interculturalidade pode ser compreendida como sendo um “[...] conjunto de atitudes e predisposições necessárias para um envolvimento mútuo de dois ou mais sujeitos na troca das suas experiências subjectivas, críticas e por si vivenciadas (enquanto indivíduos ou grupos sociais) com os outros” (p. 221); compreensão em que não pode haver juízo nem ação que comportem a ideia de dominação e subjugação; debate entre culturas onde nenhum ser humano é portador de “declaração de inferioridade”. O confronto no diálogo é uma exigência, condição de aprendizados e trocas mútuas, individualização da fonte de elaboração de um determinado saber. Quando tratamos de práticas em educação musical, por exemplo, muito se faz uso da prática de reproduzir aquilo que se ouve, é a “cultura acústica” de que trata Lopes (2004).

Hoje não há mais lugar para o monocultural, baseado na existência de um só conhecimento; é a vez de todos/as. Pessoas de diferentes culturas, na luta diária de sobrevivência, existência e convivência na diferença, justificam a perspectiva intercultural, uma luta contra os processos de exclusão social. No campo da educação, trabalhos nessa perspectiva mostram-se capazes de promover ações compartilhadas que, a partir da cooperação e crescimento mútuo, oferecem espaço para uma relação crítica e solidária, sobretudo ao se tratar de espaços educativos que trabalham com pessoas jovens e adultas com deficiências. Nessa perspectiva da diversidade cultural e interação as pessoas que participam de práticas sociais podem fundir ideias, habilidades e experiências, um verdadeiro caldeirão cultural, segundo Barbosa (2013), onde os componentes se interagem criando o novo a partir da convivência criativa e dialógica.

Entretanto, processos educativos só acontecem em contextos educativos, os quais precisam ser criados e desenvolvidos. Não estão à nossa volta, soltos e disponíveis por aí em quaisquer lugares. Aprender é inventar um jeito de dar certo, dar certo naquilo que se propõe a fazer com quem se dispõe a realizar. É ver pela própria ótica, ver também pelas lentes do outro e depois voltar-se à sua visão, agora ampliada naquilo que o outro é, pensa, acredita, pode e deseja. Quando isso acontece, não há meio termo, mas “encontro”, possivelmente encontro criador e transformador, resultado da procura deliberada de cada um, e não de promessa descumprida.

Práticas interculturais lidam com a diversidade de pessoas e suas culturas, promovem diálogo entre essas pessoas numa atitude de cooperação e solidariedade. Para Barbosa (2013), na flexibilização de gostos e juízos, as informações que temos de outras culturas tornam-se aspectos relevantes no processo de interação entre as pessoas, de modo que os horizontes de cada um se ampliem em meio à diversidade cultural. Estes são os lugares de muitas culturas, “entrelugares”, onde ninguém manda e ninguém obedece. Juntas, entre conflitos e acolhimentos, as diferentes pessoas realizam, desafiam a si mesmas em uma convivência criativa e produtiva, transformadora, porque capaz de potencializar o ser mais de cada um.

Atividades interculturais são marcadamente relações de troca e reciprocidade. Resguardadas as diferenças, a ideia de unidade não as anula, mas faz das diferenças fator de potencialização do desenvolvimento de cada um. Espaços interculturais que têm na convivência e interação suas características fundamentais, estão diretamente correlacionados e dependentes da afetividade que neles se promove, condição que dá maior liberdade para a colocação e auto expressão de ideias e sentimentos de seus integrantes. O compromisso de cada um é premissa básica em atividades interculturais, práticas pedagógicas como política cultural, e por isso seu caráter propositivo e não apenas denunciativo.

Educação de crianças e jovens com deficiência

No que se refere à deficiência, formação e desenvolvimento de pessoas, Levi Vygotsky é considerado um dos estudiosos mais importantes e influentes na área da Educação. Em seus estudos, buscou compreender os processos educativos envolvidos no desenvolvimento humano, campo o qual se dedicou intensamente. Embora não tenha recebido nenhuma educação formal na área de Psicologia, ele é extremamente

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686Xx32655>

reconhecido pelos seus estudos em desenvolvimento intelectual, criando uma das teorias mais promissoras da Psicologia: teoria sócio-histórico-cultural do desenvolvimento mental (IVIC, 2010).

Góes (2002), estudiosa da obra e vida de Vygotsky, expõe várias críticas em relação ao modelo de educação adotado para pessoas deficientes, pois essa deveria estimular a expansão das funções psicológicas superiores, como a cognição, e não apenas estimular as funções elementares, como a percepção dos sentidos (olfato, visão, paladar, tato e audição). A autora considera que a educação para cegos e surdos, por exemplo, não deveria ser orientadas pelas deficiências, mas sim por outros potenciais existentes nesses indivíduos, como um treinamento de outras capacidades. Nesse sentido, deve-se educar primeiramente a criança e não a criança deficiente, pois dessa forma atenta-se a outros potenciais, excluindo a ideia de que a deficiência limita a criança como um todo, fazendo com que ela não fique à mercê de suas limitações, mas sim estimulada em outros âmbitos. O professor deve então acreditar que o/a estudante deficiente pode aprender, estimulando-o e ampliando todo e qualquer conhecimento que o/a estudante traz de sua experiência pessoal, social e cultural, procurando meios de fazer com que superem o senso comum, considerando mais suas potencialidades que suas falhas.

Daí ser papel da educação estimular as várias inteligências. A Educação Inclusiva, por exemplo, se tornou alvo de grandes discussões no cenário atual mundial, uma vez que as diferenças não são vistas mais como problemas, mas como diversidade. No que se refere à Educação Especial, Siems (2011) afirma existir precariedade em sua estrutura para o atendimento educacional às pessoas deficientes, apontando obstáculos nos serviços realizados, uma vez que as atividades trabalhadas não são eficientes no processo de inclusão de crianças e jovens com deficiência. Por isso é preciso pensar e repensar práticas, metodologias e procedimentos na área, como meios mais eficazes no auxílio e contribuição do desenvolvimento dessas pessoas, com vistas ao processo de formação e exercício de direito.

Dessa forma, práticas artísticas e musicais apresentam-se como importantes meios na educação de pessoas com deficiência, especificadamente no contexto da Educação Especial, já que a música, em especial, presente no dia a dia das pessoas, contribui consideravelmente para o desenvolvimento cognitivo, além de estimular a associação de inúmeras funções psicossociais, como a comunicação e o desenvolvimento da linguagem compreensiva e expressiva (PEDERIVA; TRISTÃO, 2006). As contribuições da Música no

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686Xx32655>

processo de formação humana vêm se destacando, dando origem a áreas específicas do conhecimento, como a Musicoterapia por exemplo. Pensar nas possíveis contribuições do saber musical, e conseqüentemente da Educação Musical na perspectiva de pessoas com deficiência, merece grande destaque e visibilidade em nossa sociedade.

Metodologia

Essa pesquisa é de natureza qualitativa de inspiração fenomenológica. Os acontecimentos em si não serão considerados, já que o objeto de busca, de interrogação, não é o próprio acontecimento, mas “[...] a natureza subordinada à maneira de pôr o problema” (MARTINS; BICUDO, 2005, p.75). Compreendemos com Machado (1994) e Garnica (1997) que em pesquisas de natureza qualitativa pesquisador/a e pesquisado/a buscam porque interrogam e não explicam a coisa como ela se apresenta.

O processo de construção da pesquisa (março a dezembro de 2017) constou de dois momentos: metodologia de intervenção (levantamento e desenvolvimento) e metodologia de pesquisa. A metodologia de intervenção ocorreu por meio de encontros (dezoito ao todo) com a comunidade envolvida no projeto “Música na APAE” (professoras e estudantes da UEMG, APAE e escola de música), os quais foram realizados semanalmente entre os meses de março a julho de 2017, na sede da APAE, no período vespertino (13 às 15 horas).

Essa metodologia teve como base a pedagogia libertadora de Paulo Freire (1967, 2005), fundamentada no diálogo e a partir das experiências e compreensões das pessoas envolvidas, o que, para Gonçalves Junior (2009), seriam três momentos *equiprimordiais e inter-relacionados*, assim organizados: 1) Investigação temática: negociação (dimensões política, cultural e social) das atividades a serem realizadas (música, teatro e literatura) com as diferentes instituições e pessoas envolvidas; 2) Tematização: resultados da negociação, escolha e decisão de repertório musical e literário, apresentação de cronograma de atividades, elaboração de arranjos musicais e roteiros; 3) Problematização: processo de construção-reconstrução do dia a dia das atividades pensadas e planejadas, com base na obra “No céu, na terra ou no mar” de Luciana Mascarenhas, dentre encontros e apresentações (APAE, creche e UEMG).

Na metodologia de pesquisa foram utilizados diários de campo (com posterior análise), além de fotos, filmagens, desenhos e conversas espontâneas, como forma de registro fiel das situações vivenciadas na metodologia de intervenção. Os diários de campo, considerados um recurso metodológico básico e de extrema importância nesta modalidade

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686Xx32655>

de pesquisa, são compreendidos por Bogdan e Biklen (1994, p.150) como “[...] o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo”.

Os procedimentos de análise dos dados ocorreram entre os meses de agosto a dezembro de 2017, dado o término das intervenções, e foram sinteticamente descritos pela transcrição minuciosa e na íntegra dos discursos coletados, nesse caso presentes também nos diários de campo; identificação das unidades de significado; redução fenomenológica; organização das categorias; construção da matriz nomotética; construção dos resultados. As análises ideográficas e nomotéticas, segundo Machado (1994, p.41) contribuem com pesquisas de natureza qualitativa por possibilitarem que o tema seja circundado, em busca de compreender o fenômeno e não explicá-lo. Após a análise de todos os dados coletados, foi realizada uma devolutiva à comunidade participante, em conformidade aos preceitos éticos da pesquisa e compromisso das pesquisadoras. Os/as participantes dessa pesquisa, e pessoas responsáveis, foram convidados a colaborar com o estudo após autorização em Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e Termo de Assentimento, em data e local previamente escolhidos e determinados.

Construção dos resultados

Da análise dos dados coletados emergiram três categorias: A) *Querer fazer*, B) *Saber fazer*; C) *Pensar o outro*.

Categoria A: *Querer fazer*, revelou novas aprendizagens, emoção à flor da pele, riqueza no processo de construção-reconstrução da performance e sua compreensão, interação entre os/as participantes, comunicação com o público. Isso tudo aconteceu por ocasião dos encontros, quando os/as participantes se envolviam nas atividades, fossem cantando as letras das canções, encenando e/ou improvisando nos instrumentos de percussão – pau de chuva, clavas, tambores (DCXIIIA-1/6). E, como aconteceu com Sisi (Síndrome de Down) que, à sua maneira, cantou e dançou... porque conhecia a história e seus personagens, interagiu com os/as demais colaboradores/as ao longo dos encontros e muito particularmente com o público, em uma das apresentações – creche (DCXVIIA-8). Tudo isso com envolvimento e muita alegria. A cada encontro, os/as participantes sugeriam, modificavam, davam solução. Apontavam novas ideias e iniciativas, eram protagonistas naquilo que se realizava: uma performance (música teatro e literatura). Freire (2005) nos ajuda a pensar essa categoria, ao observar que todo ser humano é inacabado, já que é pessoa de vontade e interesse de novas realizações, consciente de sua inconclusão.

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686Xx32655>

Categoria B: *Saber fazer*, diz respeito àqueles momentos nos quais os/as participantes mostraram que também sabiam fazer, por meio das vivências e conhecimentos já consagrados e instituídos ao longo de suas histórias. Ou seja, aquele era um lugar onde não se promovia uma educação de mão única, de transmissão de um conhecimento acabado, imutável e formal, ao contrário, havia lugar a uma multiplicidade de conhecimentos em permanente construção, mutáveis e dinâmicos pela própria diversidade cultural de seus sujeitos (CANDAUI, 2008).

Exemplificando, com base no trecho abaixo do conto de Mascarenhas (2014):

Que lugar mais esquisito! As águas pensaram da terra. Então a raiz da bela árvore, sorrindo lhes disse “obrigada”. A raiz era bem humorada e gostava de fazer piadas, e as águas sentiram-se bem ao vê-la dar boas risadas. Fiquem tranquilas, amigas! Sintam, aqui é confortável! É como um colo de mãe, disse a raiz para as águas. As águas se aquietaram, para sentirem o conforto. Então, felizes gritaram: É mesmo, que colo gostoso! (p. 12).

Com base no trecho acima, seguido de desenhos de raízes e águas, JoWan (deficiência múltipla), ao participar da roda onde se lia a história, imediatamente arrancou da terra (pois estávamos sentados na grama) suas raízes, mostrando a todos/as os participantes, de onde podemos dizer que a compreensão foi dada pelo significado dos escritos e com base nos conhecimentos já adquiridos. Aquilo que se lia ganhava sentido à medida que era associado ao mundo vida daquele participante colaborador (DCV B-6). Ainda, mesmo não sabendo exatamente a letra das canções, os/as participantes reconheciam as sonoridades das palavras e respectivos ritmos (DCX B-4). Como as letras das canções tratavam de gotinhas de chuva, os/as participantes também reconheciam gotas de chuvas em desenhos, também em sons, reproduzindo-os, fosse em forma de chuva forte, fraca ou de tempestade. (DCVII B-9/10).

Categoria C: *Pensar o outro...* Essa categoria diz respeito aos conflitos e dificuldades enfrentadas ao longo do processo, fosse entre os/as participantes e/ou entre a prática social a que se refere esse trabalho e as pessoas com as quais o grupo estabeleceu contato, por meio das apresentações. Ou seja, referimo-nos às atitudes tanto dos/das participantes como de pessoas alheias ao processo, mas presentes enquanto público e/ou gestores administrativos dos espaços nos quais foram apresentados os resultados da proposta de construção de performance. Isso se deu em decorrência de intervenções autoritárias, egoístas e insensíveis. Como? Quando, dentre os/as participantes, uns queriam o papel do outro; pessoas alheias ao processo intervinham ao longo dos encontros com recados e

tarefas; depois de acordados os espaços de apresentação entre os gestores, modificavam-se esses mesmos locais, em função de todo e qualquer fator, exceto naquilo, e daquilo, que dizia respeito à própria performance e seus atores.

O que aprendemos com tudo isso? É preciso participar umbilicalmente das experiências as quais escolhemos por vontade e desejo próprios, ou seja, de nada vale ensinar a nadar, é preciso se jogar na piscina, mergulhar na experiência, a qual não é uma experiência qualquer, mas uma experiência de construir performance envolvendo música, teatro e literatura com pessoas deficientes e não deficientes (DCXVIII C-1).

Considerações Finais

Com base na análise dos dados coletados, podemos dizer que essas crianças e jovens com deficiência não só se envolveram significativamente nas práticas artísticas e musicais (teatro, música e literatura) como também tiveram grandes aprendizagens por meio das atividades realizadas. Ou seja, processos educativos foram identificados em diferentes âmbitos, assim: na aquisição de novas palavras, ampliando o vocabulário; na responsabilidade assumida diante do papel exercido (musicista, personagem, narrador); na constituição de autonomia ao longo do processo de construção da performance. Práticas artísticas e musicais com crianças e jovens com deficiência, envolvendo construção de performance, revelaram-se como sendo uma força potente, tendo em vista os processos educativos que delas emergiram e a oportunidade de protagonização de cada pessoa envolvida, enriquecendo as potencialidades de cada uma. De tal forma que, como protagonistas, foi possível contar e recontar história, memorizar falas, aprender canções, percutir objetos sonoros, interagir com as pessoas e instituições participantes (APAE, creche, escola de música e universidade), aprender novos conteúdos, metodologias e modos de expressão.

Dessa forma, acreditamos que práticas como essas podem contribuir com o processo de formação de pessoas com deficiência; garantir o exercício de direitos; suscitar reflexões e se constituir como parte integrante do processo de formação (pessoal e profissional) em Educação Especial, dentre várias outras contribuições. Importante ressaltar que, com base em nossa vivência (experiência significativa), pudemos observar o aperfeiçoamento e desenvolvimento dos processos de constituição de autonomia e autoconfiança nessas pessoas, ao longo de toda a construção da performance, em forma de encontros amorosos, lugar onde todos têm voz, ninguém manda e ninguém obedece. Entretanto, são muitas as

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686Xx32655>

dificuldades e os desafios são inúmeros. É preciso reunir forças, profissionais de diferentes áreas do conhecimento, pessoas com sensibilidade e vontade.

De uma coisa temos certeza: é possível realizar!

Referências

BARBOSA, Ana Mae. A multiculturalidade na educação estética. In: **Africanidades brasileiras e educação**: Salto para o Futuro. TRINDADE, Azoilda L. (Org.). Rio de Janeiro: ACERP; Brasília: TV Escola, 2013, p. 220-225. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/207338664/Livro-Africanidades-Brasileiras-Educacao>>. Acesso em: jan. 2018.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto, 1994.

CASTIANO, José. P. **Referenciais da filosofia africana**: em busca da intersubjectivação. Maputo: Sociedade Editorial Ndjira. 2000.

CANAU, Vera Maria. Direitos Humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 37, p. 45-56, jan-abr, 2008. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/rbedu/v13n37/05.pdf>. Acesso em: jan. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

GARNICA, Antonio Vicente Marafioti. Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. **Interfaces**. Botucatu, n. 1, p. 109-122, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v1n1/08.pdf>>. Acesso em: jan. 2018.

GÓES, Maria Cecília Rafael de. Relações entre desenvolvimento humano, deficiência e educação: contribuições da abordagem histórico-cultural. In: OLIVEIRA, M.K.; SOUZA, D.T.R.; REGO, T.C. **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Editora Moderna, 2002, p.95-114.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Dialogando sobre a Capoeira: possibilidades de intervenção a partir da motricidade humana. **Motriz**. Rio Claro, v. 15, n. 3, p. 700-707. jul./set. 2009.

IVIC, Ivan. Lev Semionovich Vygotsky (1896-1934). In: IVIC, Ivan; COELHO, Edgar Pereira (Orgs.). **Lev Semionovich Vygotsky**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010. p. 11-34.

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686Xx32655>

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. In: **Revista ABEM**. Porto Alegre: Associação Brasileira de Educação Musical, n.10, p. 43-51, 2004.

LARROSA-BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/275/27501903.pdf>>. Acesso em: jan. 2018.

LOPES, José de Souza Miguel. **Cultura acústica e letramento em Moçambique**: em busca de fundamentos antropológicos para uma educação intercultural. São Paulo: EDUC, 2004.

MACHADO, Ozeneide. V. M. Pesquisa qualitativa: modalidade fenômeno situado. In: BICUDO, Maria Aparecida V.; ESPOSITO, Vitória Helena C. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa em educação**: um enfoque fenomenológico. Piracicaba: UNIMEP, 1994. p. 35-46.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **A pesquisa qualitativa em psicologia**: fundamentos e recursos básicos. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2005.

MASCARENHAS, Luciana. **No céu, na terra ou no mar**. São Paulo: Chiado. 2014, il. color.

OLIVEIRA, Maria Waldenez et al. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. In: OLIVEIRA, Maria Waldenez; SOUSA, Fabiana R. (Orgs.). **Processos educativos em práticas sociais**: pesquisas em educação. São Carlos: EdUFSCar, 2014. p. 29-46.

PEDERIVA, Patrícia Lima Martins; TRISTÃO, Rosana Maria. Música e cognição. **Ciências & Cognição**. Rio de Janeiro, v. 9, p. 83-90, 2006. Disponível em: <<http://www.cienciasecognicao.org/revista/index.php/cec/article/view/601/383>>. Acesso em: jan. 2018.

SIEMS, Maria Edith Romano. Educação de jovens e adultos com deficiência: saberes e caminhos em construção. **Educação em foco**, Juiz de Fora, v. 16, n. 2, p. 61-79, 2011. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2012/08/Texton-031.pdf>>. Acesso em: jan. 2018.

Correspondência

Denise Andrade de Freitas Martins – Universidade do Estado de Minas Gerais, Unidade Ituiutaba. Rua Vereador Geraldo Moisés da Silva, s/n. Setor Universitário. Ituiutaba, Minas Gerais. CEP: 38302-192.
<http://orcid.org/0000-0002-1825-0097>

<http://dx.doi.org/10.5902/1984686Xx32655>



This work is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International (CC BY-NC 4.0)